

VIVÊNCIAS DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM COM PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL

ESTEVAM, Michelle Caroline¹

PINI, Jéssica dos Santos²

SCARDOELLI, Márcia Glaciela³

MARCON, Sonia Silva⁴

WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini.⁵

No primeiro contato do acadêmico com o portador de transtorno mental há uma dificuldade por parte dele ao vivenciar esta situação de aprendizado pela percepção estereotipada que ele carrega em relação a esse sujeito. Com o passar dos dias, esta concepção começa a ser modificada, e inicia-se um processo de aceitação e compreensão, do aluno, em relação à necessidade e importância do cuidado direcionado ao portador de transtorno mental, o que em parte, é favorecida pela aquisição de novos conhecimentos e em outra, pela possibilidade de desmistificar muitas concepções errôneas que envolvem a questão da doença/saúde mental. Por isso, uma compreensão dos sentimentos e concepções dos alunos no período que antecede seu aprendizado em relação à doença/saúde mental é extremamente importante, pois é neste momento que se solidifica o pensamento que ele possui em relação a este tema, e é nesta construção do pensar, o momento oportuno para transformar o discurso estigmatizado em relação ao portador de transtorno mental. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é compreender a vivência do aluno de enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com o portador de transtorno

mental, na tentativa de apreender a complexidade dessa experiência para o estudante. Conhecer quais os sentimentos, a relação e assistência desenvolvida para o portador de transtorno mental. Para isto optou-se pela pesquisa qualitativa. A coleta de dados foi realizada entre os meses de março e julho de 2008 a partir de um questionário auto-aplicável dividido em três partes: Caracterização, Concepções sobre saúde/transtorno mental e Contato prévio com o transtorno mental, sendo que para este artigo será considerado apenas a primeira e terceira parte por conter questões que respondam o objetivo do estudo. O questionário é constituído de questões abertas e fechadas e foi validado por profissionais especialistas no assunto, foi aplicado durante as aulas, com o consentimento do docente que ministrava a disciplina no momento da abordagem. Participaram da pesquisa os acadêmicos de ambos os sexos presentes em sala de aula durante a abordagem das pesquisadoras e que concordaram participar da pesquisa. Foi utilizada para a análise dos dados o referencial de análise de conteúdo proposto por Bardin¹. Foi obtida a autorização do colegiado do curso de enfermagem da referida universidade. Respeitados os aspectos

éticos preconizados na resolução 196/96, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá. Participaram do estudo alunos da 1ª a 4ª série do curso de enfermagem da UEM, totalizando 92 questionários. A maioria dos acadêmicos são do sexo feminino, estudaram em escola pública exclusivamente, possuem renda entre 04 e 05 salários. Dezesesseis alunos responderam que possuem um familiar portador de transtorno mental, vinte e sete referiram que possuem um amigo portador de transtorno mental e vinte e oito mantiveram contato com algum paciente com transtorno mental. Foram encontradas três categorias: Sentimentos em relação ao familiar/amigo/paciente com transtorno mental, Relacionamento com familiar/parente ou paciente portador de transtorno mental e Assistência de enfermagem desenvolvida pelos acadêmicos ao Portador de Transtorno Mental. Na primeira categoria existe um pensamento muito presente nas narrativas que é a idéia que o transtorno mental é penoso como verificamos no depoimento abaixo: *“Sinceramente, sinto pena. Gostaria de fazer algo para amenizar o sofrimento, que é visível, mas não sei como.”* (3º ano). Isto possibilita compreender que a doença mental ainda é percebida como fenômeno causador de sofrimento ao indivíduo que passa por essa experiência². Entre as falas dos acadêmicos analisados o medo foi o segundo sentimento mais pronunciado: *“Medo, pois ele é perigoso e violento. Não há possibilidade de ter um relacionamento amigável com ele.”*

(1º ano). Em nossa sociedade, quando falamos de doente mental, é comum que em algum momento apareça uma expressão de medo relacionada a ele, pelo próprio desenvolvimento histórico da psiquiatria e da assistência psiquiátrica, as pessoas através dos tempos foram constituindo em seu imaginário, uma idéia do doente mental como alguém agressivo³. Outros sentimentos negativos citados foram: tristeza, raiva e revolta, mas estes geralmente aparecem ligados à disponibilidade de ajudar o paciente: *“Tenho vontade de ajudá-lo, pois é uma doença que a pessoa deve ter o máximo de apoio possível”* (4º ano). Reconhecer a pessoa que vive o adoecimento psíquico como alguém que precisa de ajuda remete ao acadêmico a planejar uma assistência ao doente mental embasada em conhecimento³. Apesar de serem pronunciados por apenas dois alunos, alguns sentimentos positivos como o amor, a paciência, a compreensão, o carinho, o respeito, a atenção, foram citados, todavia não foram comentados ou justificados. Na segunda categoria os acadêmicos declaram possuir um bom relacionamento com o mesmo: *“[...] o relacionamento é o melhor possível.”* (3º ano) e *“[...] o relacionamento é muito bom, tento entendê-la e ajudá-la.”* (1º ano). O contato com o portador de transtorno mental, substitui o pensamento estereotipado, que o caracteriza como violento e agressivo, pela possibilidade de compreensão, simpatia, e avaliação realista das qualidades pessoais⁴. Outros acadêmicos expressaram que o relacionamento com o portador de transtorno

mental pode apresentar momentos antagônicos, ora bom, ora ruim, o que geralmente está relacionado à instabilidade da doença, da imprevisibilidade das ações do portador de transtorno mental “[...] *tenho um bom relacionamento, hoje ele se encontra estável, mas quando ele entra em crise é muito ruim [...]*.” (4º ano). Alguns depoentes referem que o relacionamento não é diferente do que estabelecem com pessoas que não possuem diagnóstico de transtorno mental: “*O meu relacionamento continua igual ao de sempre, trato esta pessoa normalmente.*” (3º ano). Os que consideram o relacionamento negativo, como ruim, distante e superficial são apenas cinco acadêmicos. Quando interrogados sobre os pontos positivos os acadêmicos pontuaram a amizade, cumplicidade, respeito, confiança, companheirismo e carinho reconhecendo como pontos negativos apenas alguns itens, como falta de afinidade e não aceitação do diagnóstico. Na terceira categoria a escuta e orientação foi o tipo de assistência de enfermagem oferecida ao portador de transtorno mental mais citada: Estabeleci um relacionamento terapêutico com diálogo aberto, sempre mostrando a importância do controle do tratamento, farmacológico e trazendo o paciente para a realidade. (4º ano). O profissional precisa ouvir o portador de transtorno mental, pois as informações são fontes de dados valiosas para a elaboração de estratégia e práticas terapêuticas⁵. Os cuidados básicos de enfermagem foi o segundo item mais citado: “*Ofereci os cuidados básicos de enfermagem e conver-*

sava com eles o tempo todo.” (3º ano). Outros cuidados desenvolvidos pelos acadêmicos estão relacionados à inserção social, apoio e conforto. Alguns depoentes referem não ter oferecido nenhum cuidado de enfermagem. Quanto às dificuldades na assistência a maioria (12 alunos) referiu não ter nenhuma dificuldade: “*Não nenhuma, foi muito bom conviver com eles. Aprendi muito.*” (1º ano). As dificuldades apontadas estavam em sua grande maioria relacionadas à forma de atuação: “*Por ser o primeiro contato com um portador de transtorno mental não soube exatamente que atitudes tomar.*” (2º ano). Também em um caso o acadêmico manifestou a não aceitação e dificuldade de compreensão, muito comum ao se deparar com o transtorno mental: “*Às vezes é difícil compreender o porquê daquilo.*” (4º ano). Os resultados possibilitaram identificar as dificuldades sentidas pelos alunos na vivência com a experiência de transtorno mental, sejam elas familiares, com amigos ou pacientes. Percebemos como em outros estudos que muitos sentimentos negativos que ocorrem no processo de aprendizado nesta área, pois os acadêmicos, ao se referir a esta disciplina ainda são muito ansiosos, possuem medo do campo prático e dos pacientes, e outros acabam rejeitando a disciplina. Isto acontece devido às representações que os acadêmicos possuem a respeito do portador de transtorno mental, muito parecida com as do senso comum, onde o paciente é agressivo, violento, incapaz de discernir entre o certo e errado, porém estes sentimentos e pensa-

mentos vão sendo transformados, à medida que aumenta o contato com estes pacientes e o aluno adquire habilidades para cuidar do paciente⁶. Por isso é fundamental rever e questionar o ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental, refletindo sobre a prática, buscando novas estratégias de ensino, que favoreçam a competência dos futuros profissionais.

Palavras-chave: Transtornos Mentais; Enfermagem Psiquiátrica; Estudantes de Enfermagem; Cuidados de Enfermagem.

Referências

1. Bardin L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

2. Barroso AGC, Abreu LM, Bezerra MAA, Ibiapina SLD, Brito HB. Transtornos mentais: o significado para os familiares. [Revista Brasileira em Promoção da Saúde] 2004; 17(3):99-108. Disponível em: rbps@unifor.br

3. Cavalheri SC, Merighi MAB, Jesus MCP. A constituição dos modos de perceber a loucura por alunos e egressos do Curso de Graduação em Enfermagem: um estudo com o enfoque da Fenomenologia Social. Rev Bras Enferm 2007; jan-fev; 60(1):9-14.

4. Garcia AB. O estágio curricular como instrumento modificador da imagem da doença mental entre estudantes de fisioterapia: um relato de experiência. [dissertação]. Itajaí (SC): Universidade do Vale de Itajaí; 2008.

5. Waidman MAP, Elsen I. O cuidado interdisciplinar à família do portador de transtorno mental no paradigma da desinstitucionalização. Texto contexto - enferm. [serial on the Internet]. 2005; 14(3): 341-349. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

[scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000300004&lng=en&nrm=iso). doi: 10.1590/S0104-07072005000300004.

6. Vaie S. A vivência do estudante de enfermagem cursando a disciplina enfermagem psiquiátrica: “divisor de águas”. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de enfermagem da USP; 2002.